

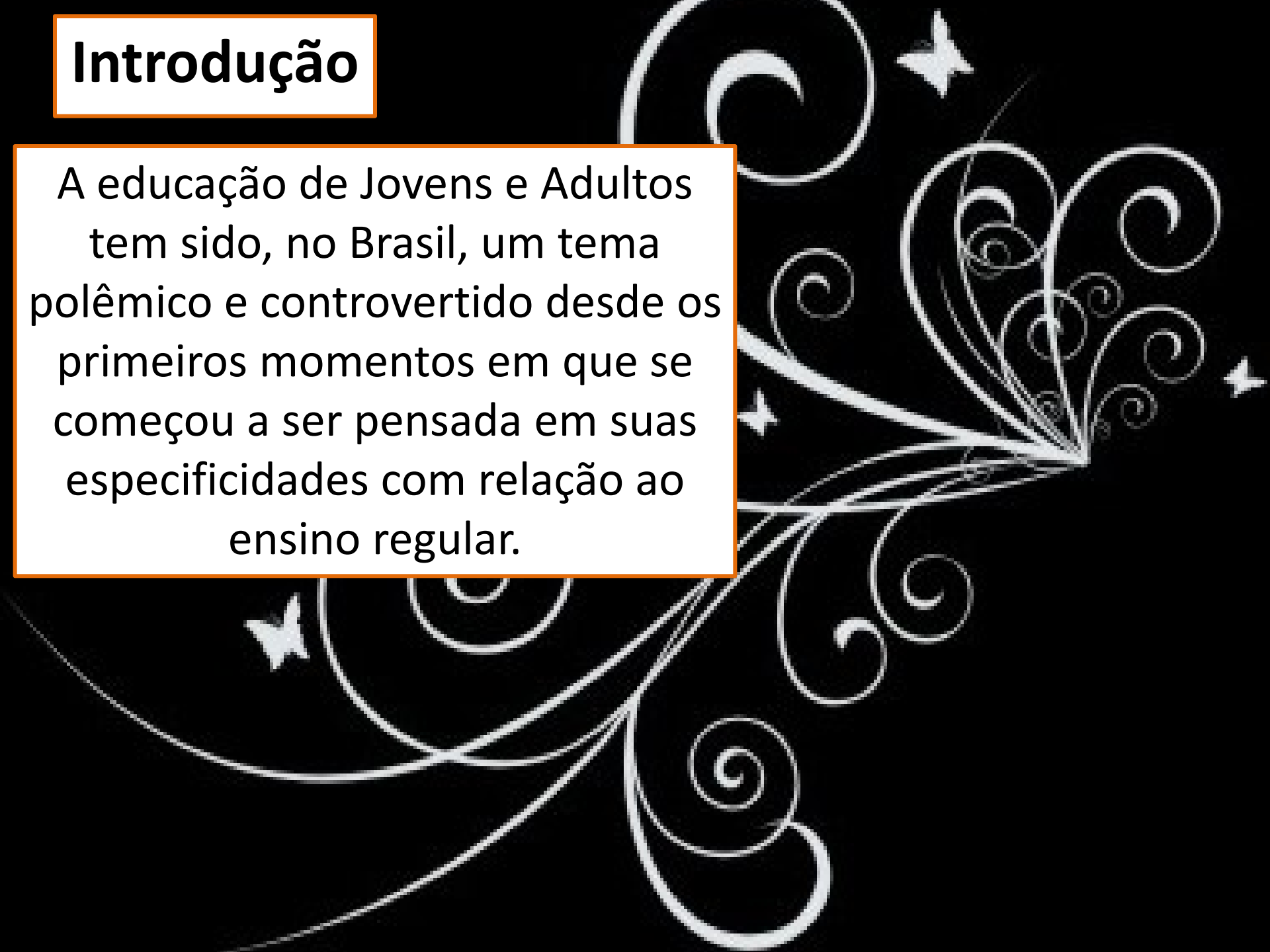
**PENSANDO O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO  
DE JOVENS E ADULTOS**

*Inês Barbosa de Oliveira*

**Karla Murielly L. L. Correia**

# Introdução

A educação de Jovens e Adultos tem sido, no Brasil, um tema polêmico e controvertido desde os primeiros momentos em que se começou a ser pensada em suas especificidades com relação ao ensino regular.



# Introdução

A educação de Jovens e Adultos tem sido, no Brasil, um tema polêmico e controvertido desde os primeiros momentos em que se começou a ser pensada em suas especificidades com relação ao ensino regular.

[Inicialmente]  
Voltada para a alfabetização dos segmentos da população a que o acesso à escolarização regular foi prejudicado.

## EJA

Encaminhava-se para uma visão compensatória na qual o objetivo de alfabetizar não se fazia acompanhar de um reconhecimento da especificidade dos alfabetizandos.

# Introdução

Quando Paulo Freire, em Pernambuco e Moacir de Goés, no Rio Grande do Norte, começaram a desenvolver seus trabalhos de alfabetização, começou a emergir a consciência de que alfabetizar adultos requeria o desenvolvimento de um trabalho diferente daquele realizado nas escolas regulares, destinado a crianças.

## João Goulart

Encampou e propôs um Programa Nacional de Alfabetização fundamentado no então, Método Paulo Freire.

## João Goulart

Encampou e propôs um Programa Nacional de Alfabetização fundamentado no então, Método Paulo Freire.

1964

Com o Golpe Militar procurou-se enterrar a proposta e sua lógica.

## João Goulart

Encampou e propôs um Programa Nacional de Alfabetização fundamentado no então, Método Paulo Freire.

1964

Com o Golpe Militar procurou-se enterrar a proposta e sua lógica.

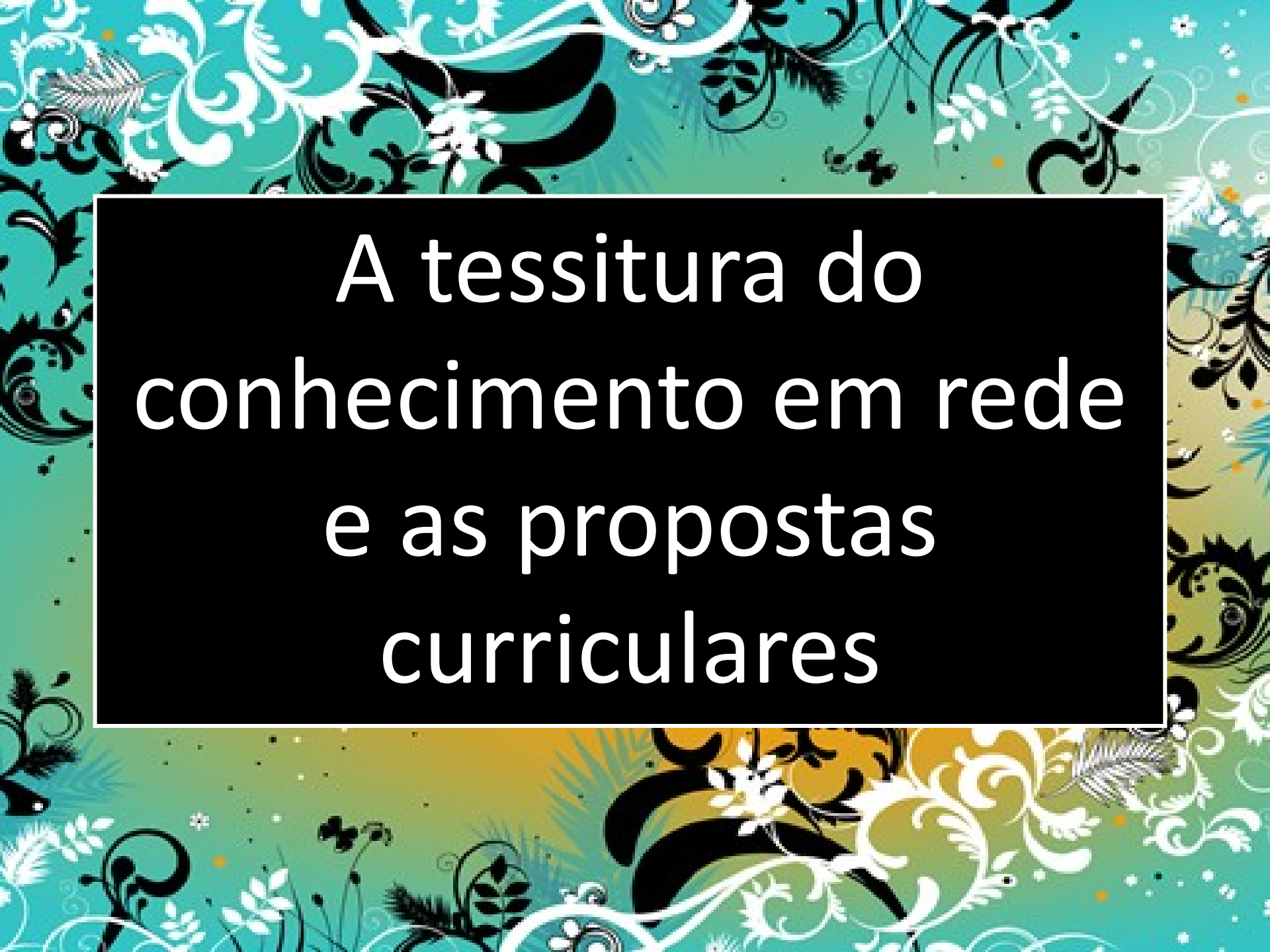
Os sucessivos programas de alfabetização de adultos propostos pelos governos militares [*sucessores a partir de 1985*], apresentavam:

- Dificuldades na adequação das propostas curriculares e metodológicas à faixa etária e ao perfil socio-econômico-cultural dos educandos;
- Tenderam quase sempre à apresentação de propostas únicas para todo o país.



## Uma última questão histórica ...

Como, na perspectiva dominante, educação de jovens e adultos, é aquela que se volta para atividades educativas compensatórias, desaparecem dela *[EJA]*, o campo de reflexão dos jovens e adultos que frequentam a escola regular, seja no Ens. Médio, seja na Universidade.



A tessitura do  
conhecimento em rede  
e as propostas  
curriculares

A autora apresenta uma breve discussão a respeito da noção de tessitura do conhecimento em rede, que busca superar os problemas inscritos na concepção dominante.



A autora apresenta uma breve discussão a respeito da noção de tessitura do conhecimento em rede, que busca superar os problemas inscritos na concepção dominante.

## TESSITURA DO CONHECIMENTO EM REDE

Busca superar:

- O paradigma da árvore do conhecimento;
- Forma como são entendidos os processos individuais e coletivos de aprendizagem – cumulativos e adquiridos – segundo o paradigma dominante.

# IDEIA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO USANDO A IMAGEM DA ÁRVORE

Pressupõe:

- Linearidade, sucessão;
- Seqüenciamento obrigatório [do mais simples ao mais complexo], dos saberes aos quais se deve ter acesso.



## IDEIA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO USANDO A IMAGEM DA ÁRVORE

Pressupõe:

- Linearidade, sucessão;
- Seqüenciamento obrigatório [do mais simples ao mais complexo], dos saberes aos quais se deve ter acesso.

## IDEIA DA TESSITURA DO CONHECIMENTO EM REDE

Pressupõe:

- As informações às quais são submetidos os sujeitos sociais só passam a constituir conhecimento para eles quando podem se enredar s outros fios já presentes nas redes de saberes de cada um, ganhando nesse processo, um sentido próprio, não necessariamente aquele que o transmissor da informação pressupõe.

OU SEJA ...

Os processos de aprendizagens vividos, sejam eles formais ou cotidianos, envolvem a possibilidade de significados, por parte daqueles que aprendem, às informações recebidas do exterior – da escola, da televisão, dos amigos, da família.

Os processos de aprendizagens vividos, sejam eles formais ou cotidianos, envolvem a possibilidade de significados, por parte daqueles que aprendem, às informações recebidas do exterior – da escola, da televisão, dos amigos, da família.

Alguns dos problemas que enfrentamos nas escolas decorrem exatamente da organização curricular que separa a pessoa que vive e aprende no mundo daquela que deve aprender e apreender os conteúdos escolares. No caso da EJA, outro fator agravante é que são desconsiderados a idade e vivência social e cultural dos educando, mantendo-se nessas propostas a lógica infantil dos currículos.



**INFANTILIZANDO  
ADULTOS: EXPERIÊNCIAS  
VIVIDAS E TRABALHOS  
ESCOLARES**

# Principais problemas: O currículo voltado a crianças do ensino regular.

Convite – Curso de Formação de Professores atuantes na EJA do município de Paraty.

Vivenciou duas situações que evidenciaram esse problema da inadequação das propostas curriculares.

“Ao propor que os professores cursistas falassem do seu trabalho, dos problemas e dificuldades nele enfrentados, deparei-me com depoimentos semelhantes aos que ouvia no tempo em que atuava no primeiro segmento do ensino fundamental, com crianças de 6 a 10 anos.” (OLIVEIRA, 2004, p. 106)

“A aluna não consegue entender a folhinha”; Eu mando o dever de casa e eles não trazem”.

Considerando que o público dessas classes é de pessoas entre 20 e 75 anos o termo “folhinha” pode causar estranheza.

-Se a folha do aluno é do mesmo tamanho que a do professor, por que o diminutivo?

- QUANTO AO DEVER DE CASA: Objetivo da atividade é criar hábitos de estudo em crianças que vão prosseguir na escola + fixação do conteúdo.

- Qual é a possibilidade real que tem um adulto, sem hábito de realizar tal atividades e que , na maioria das vezes, trabalha o dia inteiro, de fazer o dever de casa? OU MELHOR, qual é a função do dever de casa nessas circunstâncias?

“Professora, o que faço com Dona Josefa? Ela não consegue fazer as continhas de jeito nenhum. Ela não sabe fazer e não consegue aprender”.

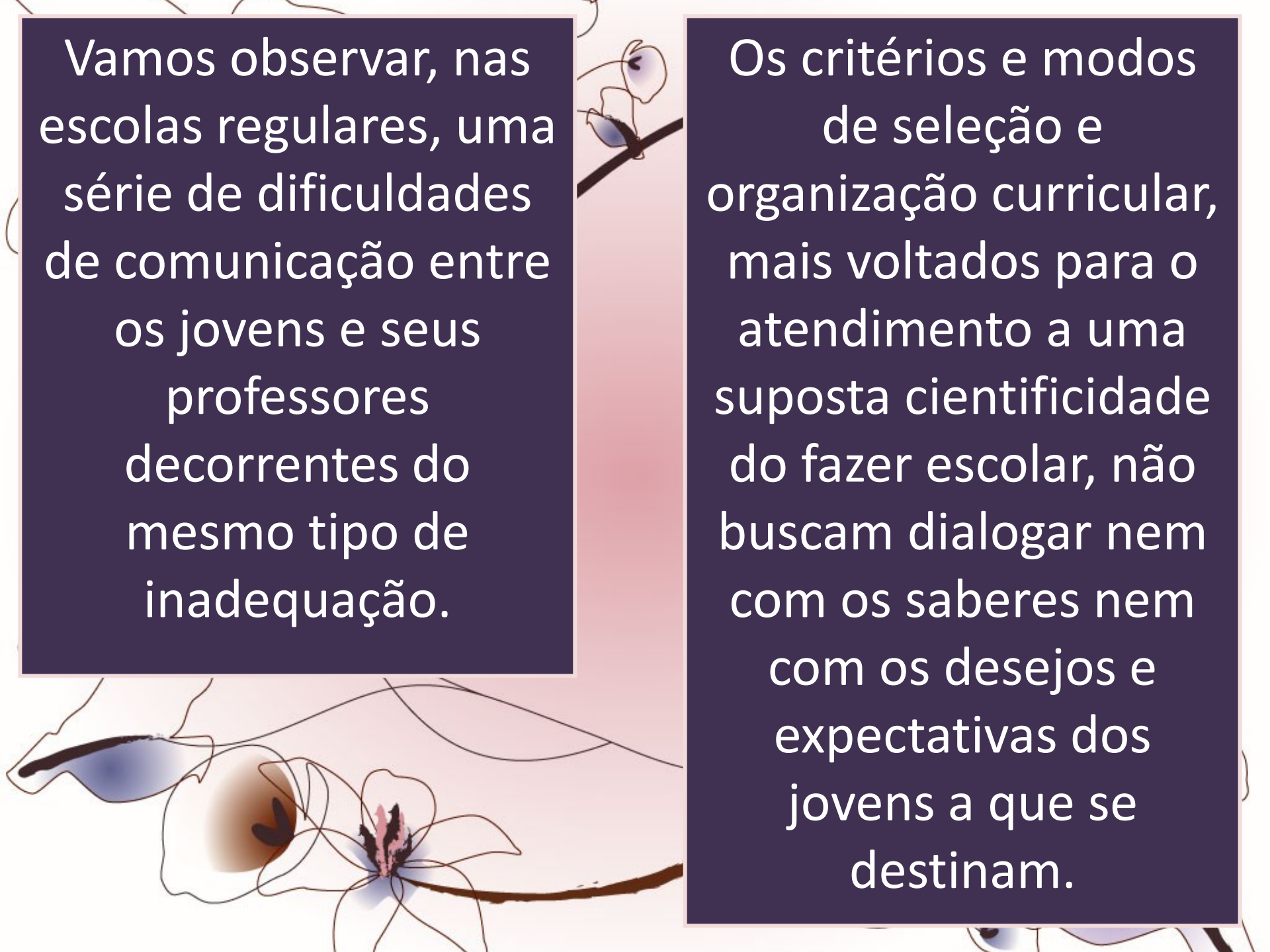
Professora angustiada com uma aluna de segunda série, de 75 anos que não conseguia aprender matemática, preocupada com a possibilidade dela desistir da escola.

Refletindo sobre o problemas, a autora se perguntava sobre a vida de Dona Josefa: “Uma senhora que morava na periferia do município, mãe de muitos filhos e avó de muitos deles. Como se explica que uma pessoas que provavelmente passou a vida contando dinheiro para se alimentar, vestir e dar casa a tantos filhos e netos, não sabia fazer conta? Impossível. Mas no entanto, o problema estava lá. COMO ENTENDIA A QUESTÃO? O que ela não sabia era pegar a folhinha e fazer as continhas de acordo e a partir da ordem de arme e efetue que caracterizam esse tipo de atividade. O que ela não sabia era colocar seu saber em diálogo.



# FRAGMENTANDO O MUNDO: OS JOVENS E ADULTOS DO ENSINO REGULAR E OS CURRÍCULOS

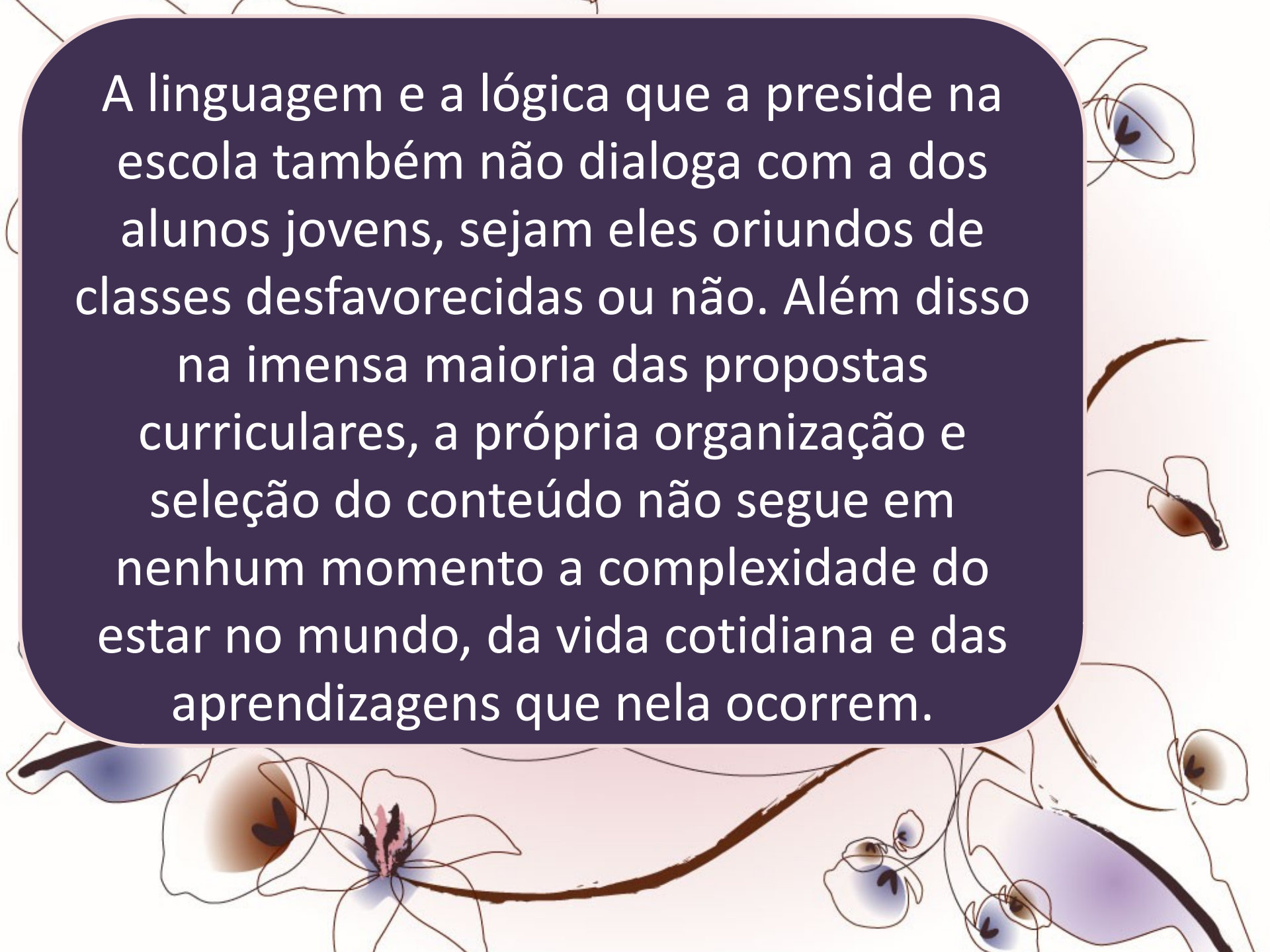




Vamos observar, nas escolas regulares, uma série de dificuldades de comunicação entre os jovens e seus professores decorrentes do mesmo tipo de inadequação.

Os critérios e modos de seleção e organização curricular, mais voltados para o atendimento a uma suposta cientificidade do fazer escolar, não buscam dialogar nem com os saberes nem com os desejos e expectativas dos jovens a que se destinam.

A linguagem e a lógica que a preside na escola também não dialoga com a dos alunos jovens, sejam eles oriundos de classes desfavorecidas ou não. Além disso na imensa maioria das propostas curriculares, a própria organização e seleção do conteúdo não segue em nenhum momento a complexidade do estar no mundo, da vida cotidiana e das aprendizagens que nela ocorrem.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS



Infelizmente, boa parte das propostas curriculares tem sido incapaz de incorporar essas experiências, pretendendo pairar acima da atividade prática diária dos sujeitos que constituem a escola.

Infelizmente, boa parte das propostas curriculares tem sido incapaz de incorporar essas experiências, pretendendo pairar acima da atividade prática diária dos sujeitos que constituem a escola.

Existe, ainda, uma predominância da abordagem formalista dos currículos.

Infelizmente, boa parte das propostas curriculares tem sido incapaz de incorporar essas experiências, pretendendo pairar acima da atividade prática diária dos sujeitos que constituem a escola.

Existe, ainda, uma predominância da abordagem formalista dos currículos.

Superar esse entendimento formalista e cientificista do currículo, requer o estudo e interesse no fazer aparecer alternativas curriculares efetivas construídas cotidianamente pelos sujeitos das práticas pedagógicas, e já em curso em muitas escolas/classes do Brasil inteiro.



**FIM!**